

RESENHA

Grande Carajás: planejamento da destruição. Rio de Janeiro, Forense Universitária, Universidade de São Paulo e Fundação Universidade de Brasília, 1989, 154p. e 14 mapas.

O livro começa com um primoroso prefácio do Prof. Aziz Nacib Ab'Sáber, onde se fica sabendo que a pesquisa foi encomendada pela Companhia Vale do Rio Doce, que comanda o Projeto Grande Carajás. Isso nos parece uma coisa extraordinária e torna a Vale digna de todo respeito. Outro motivo de satisfação foram as referências ao eminente geógrafo Leo Waibel, que teve grande influência na formação do Prof. Orlando Valverde e que, com o seu estudo sobre a colonização do Vale do Itajaí, fez com que nos interessássemos pela geografia. No final da década de 50, chegamos a acompanhar um curso de geografia agrária dado pelo Prof. Orlando Valverde.

O livro, propriamente dito, começa com uma discussão, muito interessante, sobre a localização dos diversos pólos metalúrgicos do mundo. Nele ficamos sabendo que os navios japoneses que vêm buscar minério de ferro dão a volta ao mundo. Saem vazios do Japão, carregam carvão na Austrália, que entregam aqui, e regressam com o nosso minério. Mostra a semelhança de localização das reservas de minério do Vale do Rio Doce e de Carajás, ambas localizadas em áreas florestais do interior, e chama a atenção para a devastação que as usinas siderúrgicas, a carvão vegetal, provocaram em Minas Gerais. O mesmo ocorrerá ao longo da Estrada de Ferro Carajás, se for adotado o mesmo modelo, que ele chama de pré-industrial. Lembra que usinas a carvão mineral, nos dois extremos da estrada, iriam reduzir muito os trajetos de composições vazias. Informa que o projeto foi concebido em Brasília por uma comissão de ministros que nem ao menos conheciam a área e estavam, além disso, imbuídos da idéia de pagar a dívida externa com a exportação do minério. Essa Comissão do Grande Carajás tem atuado com a maior desenvoltura. Enquanto a Cia. Vale do Rio Doce realizava estudos para a localização dos pólos metalúrgicos, a Comissão concedia isenção de imposto sobre a renda a 17 projetos para instalação de pólos. Por incrível que pareça, até uma proposta para a instalação de uma usina de álcool carburante foi beneficiada com essa isenção.

O capítulo II, em que discute o problema energético, começa com as fontes tradicionais: lenha e carvão vegetal. Ao contrário do que se pensa, essa corrida para a instalação de siderúrgicas a carvão vegetal não decorre apenas da filosofia de "enriquecer, antes que acabe", hoje imperante na Amazônia. Por trás dela estão os fabricantes de ferro e de carvão vegetal de Minas Gerais, esses últimos reunidos na Associação Brasileira de Carvão Vegetal (Abracave).

O interesse em gerar energia elétrica na Amazônia tem uma de suas raízes na alta do petróleo, a partir de 1973, quando diversos países, especialmente o Ja-

pão, desativaram fábricas de alumínio que funcionavam junto a usinas termoeletricas. A solução foi procurar áreas de Terceiro Mundo, onde a produção seria mais barata. A Amazônia, com seu grande potencial hidroelettrico e suas imensas jazidas de bauxita, se configurou como um dos locais mais adequados. Foi então iniciada a barragem de Tucuruí e a constituição da Albras/Alunorte, em Vila do Conde no Pará, e a Alcoa/Alumar em São Luiz do Maranhão. Empresas que gozam de completa isenção de impostos e recebem energia abaixo do custo, cerca de 50% abaixo do preço pago pelo consumidor comum.

Uma grande parte desse capítulo discute o aproveitamento do babaçu, como fonte de carvão para a siderurgia e diversos outros produtos.

O capítulo III, problemas ecológicos e econômico-sociais, começa com uma crítica aos cursos de ecologia, bem ao gosto de alguns professores da ENSP. A ecologia não pode ficar restrita a sua base biológica. Ela, assim como a geografia, não pode dispensar o estudo das estruturas econômico-sociais. Ainda mais, atualmente, quando organismos internacionais, e até a própria ONU, procuram impingir a teoria neomaltusiana. Nesse capítulo está muito bem discutido o Programa de Integração Nacional, o famoso PIN, com suas estradas — Transamazônica, Cuiabá — Porto Velho — Acre etc, os projetos de colonização e demais fracassos. Em seguida, os projetos agropecuários, com a institucionalização da violência para expulsar os posseiros. Entra depois o Grupo Executivo das Terras do Araguaia-Tocantins (Getat), subordinado ao Conselho de Segurança Nacional, e, por fim, o SNI. Desse PIN, até o pessoal do Projeto Radam recebia gratificação. Eram cinco mil cruzeiros, que não eram tributados pelo imposto de renda. O capítulo termina com a misteriosa Serra Pelada, que faz parte de uma área cedida à Cia. Vale do Rio Doce por decreto da lavra. Ela permaneceu relativamente controlada pela Docegeo, subsidiária da Vale, até o final de 1979, quando um programa matutino da Rádio Nacional de Brasília, muito ouvido no interior, deu a notícia de que a área havia sido liberada para garimpagem. Quem autorizou essa notícia, ninguém sabe ao certo. Há tempos já estava na área o famoso major Curió, do SNI, hoje deputado Sebastião Curió. O Dr. Breno dos Santos, diretor da Docegeo, informa que, antes de Serra Pelada, deveriam existir, na Amazônia, cerca de 50 mil garimpeiros; hoje calcula que os mesmos sejam entre 400 e 500 mil. Ilustra bem a força de Serra Pelada o fato do major Curió, após perder o apoio do SNI, passar a ser financiado pelos capitalistas do garimpo. Mais grave do que isso foi a Vale ter tido de abandonar a pesquisa de cromita próximo ao garimpo porque, à noite, os garimpeiros atiravam no acampamento.

Os fatos relativos a Tucuruí estão muito bem relatados, mas, como foram bem divulgados, necessitam ser comentados.

O livro termina com uma série de recomendações que, devido à gama de interesses em jogo em todos os problemas da Amazônia, dificilmente serão adotadas.

**Pesquisador Titular da Escola Nacional de Saúde Pública – Fiocruz*

*Mário B. Aragão**

Patterns of Human Growth. Barry Bogin. Cambridge Studies in Biological Anthropology, Cambridge: Cambridge University Press, 1988, VIII + 267 pp., figuras, gráficos, tabelas, bibliografia (US\$ 17,95 brochura).

Por razões de ordem histórica, a antropologia norte-americana tem, tradicionalmente, considerado o ser humano tanto sob o enfoque sócio-cultural como físico, apesar de tal divisão ser reconhecidamente arbitrária. Convencionou-se chamar de antropologia física, antropologia biológica ou bioantropologia a área de estudo antropológico que lida, mais diretamente, com o homem enquanto entidade físico-biológica, incluindo disciplinas tais como: genética populacional, osteologia, anatomia, morfologia, primatologia, paleontologia etc. Teoricamente, o que faz tais áreas adquirirem um caráter antropológico é a ênfase na utilização de conceitos como cultura e sociedade na interpretação dos dados. O livro de Bogin enquadra-se bem na tradição da antropologia biológica norte-americana, uma vez que aborda, holisticamente, o tema crescimento e desenvolvimento do ser humano.

De acordo com o autor, a meta do livro é a de apresentar e analisar as forças evolutivas que moldaram os padrões de crescimento atualmente observáveis nos seres humanos, os aspectos bioculturais que direcionam sua expressão, os fatores intrínsecos e extrínsecos que regulam o desenvolvimento individual e os modelos matemáticos relacionados com padrões de crescimento.

Como o objetivo de cobrir tal variedade de tópicos, o volume encontra-se dividido em oito partes — uma introdução e sete capítulos —, onde temas específicos são abordados. O capítulo 1 consiste em um apanhado histórico dos estudos de crescimento humano e em uma apresentação dos princípios biológicos básicos de crescimento e desenvolvimento. Utilizando uma perspectiva darwiniana, no capítulo 2, é descrita a evolução do crescimento humano, comparando-a com a de outros mamíferos, especialmente os primatas superiores. No capítulo 3, o autor usa os conceitos apresentados no capítulo anterior para, sob uma perspectiva ecológica e evolutiva, apresentar as relações entre padrões de crescimento com adaptações alimentares e reprodutivas. Para tanto, Bogin lança mão de dados